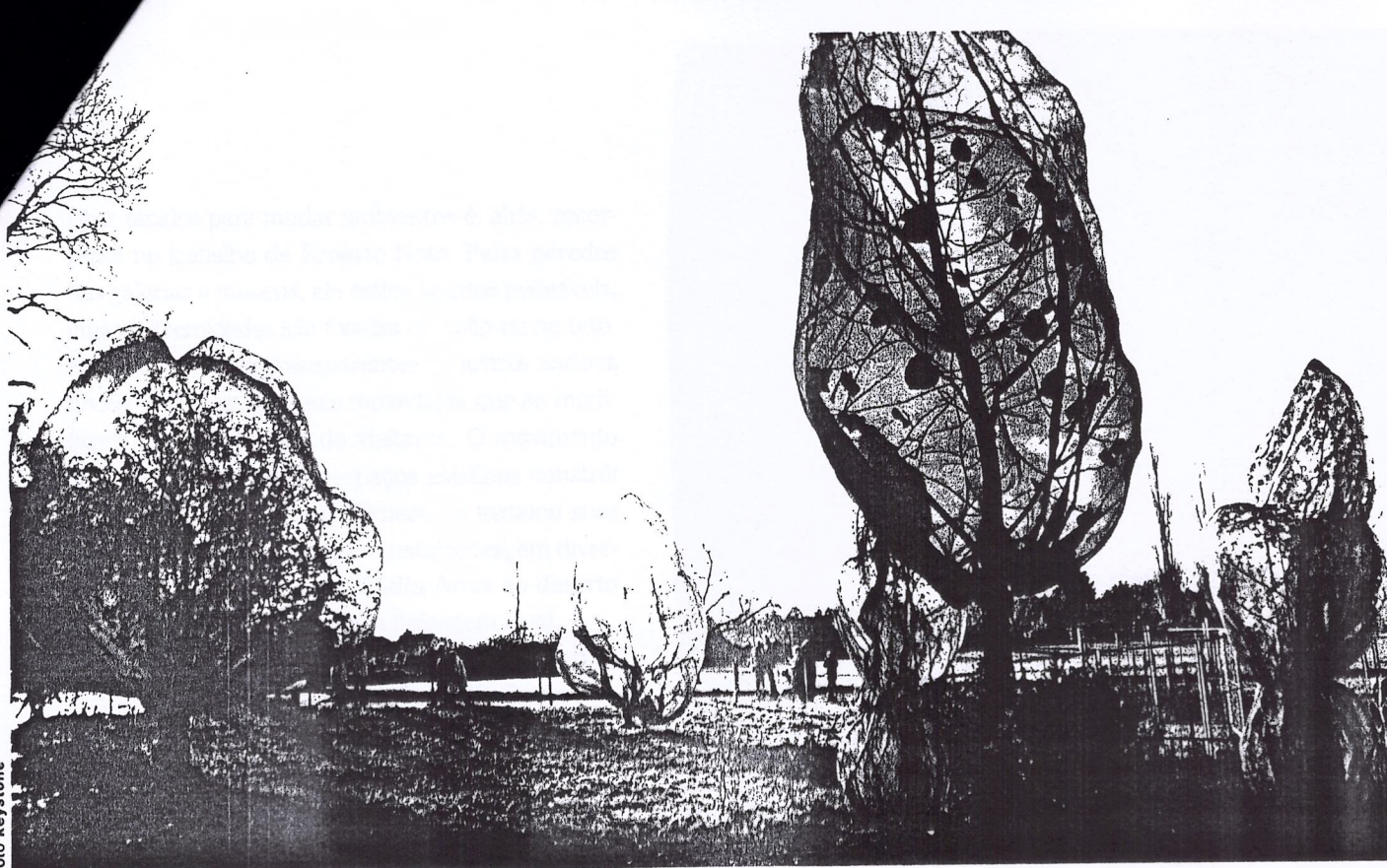




IDEIAS BEM TRAMADAS

Nunca mais apenas o branco para a pintura.
O tecido na arte também é substituto das
tintas, e manda mensagens e sentimentos e memórias.

reponendo a casa sant'anna



Wrapped Trees (acima) e *The Gates* (na página ao lado) são duas das realizações de Christo. Na primeira, ele usou 55 mil m de poliéster para embrulhar 178 árvores do Berower Parc, na Suíça. Na segunda, seus varais invadiram 37 km do Central Park.

Há muito tempo ele está presente na arte. Primeiro, nas esculturas gregas, foi representado em pregas e franzidos tão perfeitos que costumamos acreditar que são de pedra. Nas pinturas, a destreza técnica de muitos artistas permitiu reproduzir com nitidez detalhes de sedas, rendas, veludos e estampas das cenas cotidianas. Homens e mulheres retratados pelo francês Ingres (1780-1867), por exemplo, impressionam pelo realismo quase fotográfico de suas vestes.

Ao longo da história, no entanto, os artistas se desprenderam da premissa da pintura como representação do mundo, romperam os limites da tela e passaram a pesquisar novas maneiras de expressão. O tecido deixou de ser apenas o suporte – a tela – e tornou-se matéria-prima, porta-voz de infinitas proposições. Diversos pintores trocaram seus pincéis por agulhas, linhas ou máquina de costura, e o resultado disso é uma “pintura” com textura e relevos ímpares. Eles transformaram ou alteraram os ambientes internos das galerias e museus com malhas esticadas, muitas vezes indo além do que pensávamos ser possível, envolvendo ilhas e outros cenários com metros e mais metros de tecido.

Em 1961, o francês Gérard Deschamps construiu seus quadros utilizando somente roupas. Ao ser

indagado sobre o abandono da pintura, ele respondeu categórico: “Eu não abandonei a pintura. Eu constatei que ela não está somente nos tubos”. E caberia completar ‘nem apenas nas telas’. Para ele, juntar as cores dos chifons japoneses e tantos outros retalhos e lingerie em tons de bege, carne e rosa era apenas outra maneira de pintar.

As propostas ultrapassam o tempo e os territórios, e o tecido é um fio condutor para a realização de intervenções ambientais, obras sensoriais, esculturas moles, instalações etc. Os drapeados, tão bem retratados antes, agora embrulham uma ponte. E, ironicamente, enquanto escondem, tornam mais visível, por exemplo, um monumento de Paris. Milhares de metros de fazenda embalaram a Pont Neuf, em 1980, transformando um elemento arquitetônico em uma grande escultura. A ponte ficou plissada. Essa foi uma das ações transformadoras do búlgaro naturalizado americano Javacheff Christo. Ele iniciou sua carreira artística empacotando alguns objetos e passou a realizar intervenções gigantescas com Jeanne-Claude, sua esposa. Um dos seus projetos mais recentes, de 2005, foi a instalação de 7 500 varais com tecidos alaranjados que parecem desenhar pinceladas por quilômetros do Central Park, em Nova York.

Usar tecidos para mudar ambientes é, aliás, recorrente no trabalho de Ernesto Neto. Pelas paredes das galerias e museus, ele estica tecidos maleáveis, cujas extremidades são fixadas no chão ou no teto. Formando planos transparentes, o artista carioca divide o espaço em áreas movediças que se modificam com a presença do visitante. O movimento do corpo dentro desses espaços elásticos constrói uma escultura transitória. Ernesto já instalou suas naves, como denomina essas instalações, em diversos locais. Em 2000, levou *Stella Nave* ao deserto do Novo México, compondo a paisagem local.

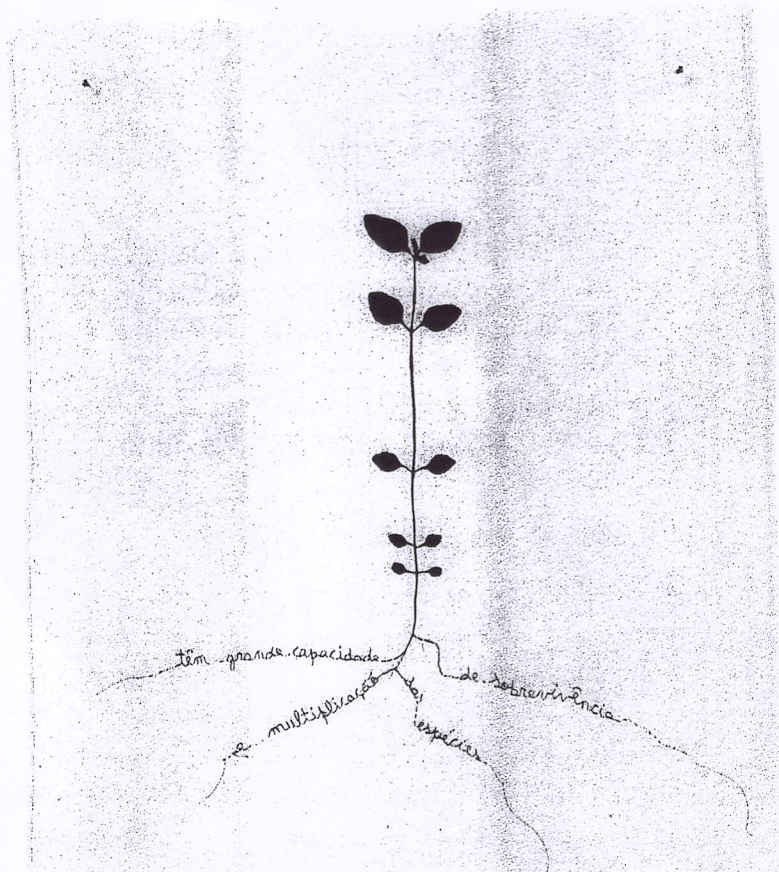
Modelar, interagir, integrar, participar eram verbos dos artistas brasileiros da década de 60. Entre eles, o também carioca Hélio Oiticica (1937-1980). Em sua múltipla produção, Oiticica criou objetos com tecidos que permitiam a manipulação e a intervenção do espectador, como os *Parangolés*. Com eles, o artista soltou as cores do quadro, da parede, confeccionando com o algodão capas, estandartes e bandeiras para serem vestidos ou carregados.

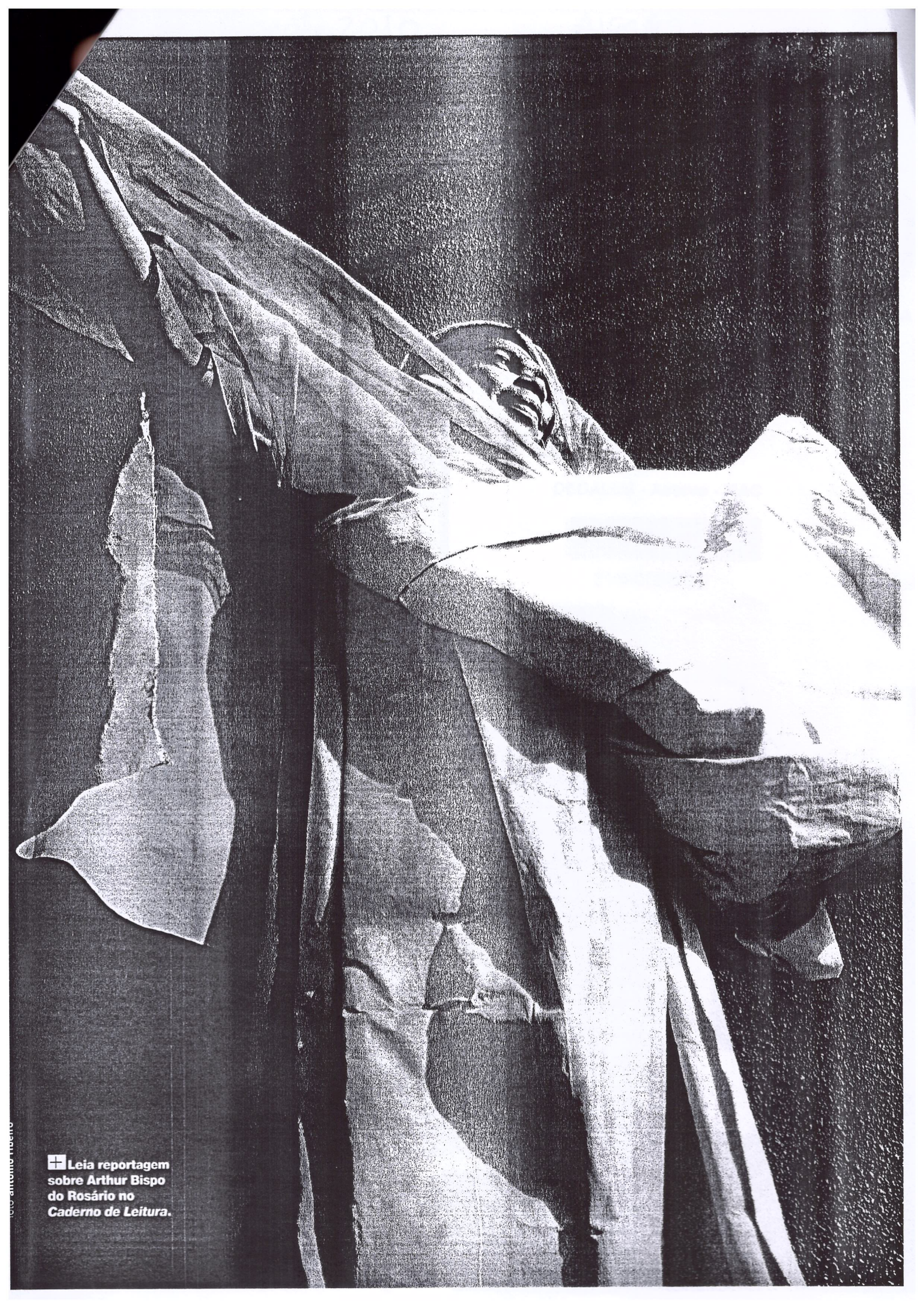
Estandartes e mantos também compõem a produção de Arthur Bispo do Rosário (1909-1989), internado em diferentes hospitais psiquiátricos do Rio de Janeiro, incluindo a Colônia Juliana Moreira (que abriga hoje o Museu Nise da Silveira), onde permaneceu até sua morte. Lá, ele desfiava seus uniformes para usar a linha azul como lápis, cuja escrita se dava com a ajuda de uma agulha. Pensamentos e memórias que marcaram sua vida eram, desse modo, registrados em mantos, estandartes, panôs e "sembrantes" [sic] (espécies de fardas bordadas). Os discursos pessoais estão presentes com a mesma força em trabalhos de artistas contemporâneos como Leonilson (1957-1993) e Rosana Palazyan. A ação de escolher, entre tantos produtos, determinado objeto têxtil, retirá-lo de sua circulação social e, posteriormente, transformá-lo em elemento ou suporte de seu ideário marca a obra do cearense e a da carioca. O repertório desses dois artistas está presente na delicadeza do voal, nos traços e nas palavras bordadas em travesseiros, nos lençóis e nas roupas que contam as histórias e tragédias vividas por cada um. Leonilson usou suas próprias camisas em uma instalação autobiográfica.

No trabalho de Rosana, nota-se uma delicadeza profundamente agressiva quando ela usa como suporte peças de roupas infantis ou do enxoval do irmão para bordar cenas como a de um assassinato. Dramas, incertezas e poesia urdidas no material mais receptivo e universal, na trama mais sensível. ■



A delicadeza do tecido suporta questões fundamentais como *O Tempo*, de Leonilson, e o bordado *Por Que Daninhas?*, de Rosana Palazyan (abaixo). Na página ao lado, *Parangolé*: a pintura viva e ambulante de Hélio Oiticica.






 Leia reportagem
sobre Arthur Bispo
do Rosário no
Caderno de Leitura.

Foto: Antônio Tadeu